

## LEITURA E ORALIDADE

### A MULHER EM DICIONÁRIOS PORTUGUESES E BRASILEIROS: UMA VISÃO A PARTIR DO CALDAS AULETE

Angela Marina Chaves Ferreira

[angmarina@globocom.com](mailto:angmarina@globocom.com)

Jannaina Vaz Costa

[jannainacosta@yahoo.com.br](mailto:jannainacosta@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO

Neste estudo pretendemos investigar como o componente ideológico inerente ao dicionário de língua organiza os significados do “feminino” em língua portuguesa, isto é, como os possíveis preconceitos e valores ocultos se incluem nas definições lexicográficas de vocábulos relacionados ao universo feminino. Para tal, fizemos o levantamento das definições de dezessete verbetes em duas edições de um dicionário tradicional e prestigioso da língua portuguesa. Assim, buscamos recolher algumas acepções retiradas de entradas de duas edições do *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete*. Pesquisamos dados da 1ª edição, de 1881, publicada em dois volumes em Portugal<sup>1</sup> e da 4ª edição, de 1958, em cinco volumes, voltada para o público brasileiro, segundo as informações contidas nas páginas preliminares. Nesse recorte, selecionamos lemas relacionados à *mulher*, preferencialmente aqueles que apresentassem algum tipo de preconceito em relação a pessoas do sexo feminino. Após, recortamos os fragmentos das definições que continham imagens negativas da mulher. Dessa forma, as acepções de verbetes aqui apresentadas foram as mais significativas de acordo com nossa proposta. Ainda, discutimos as definições contidas nas entradas com base nos estudos sobre estratégias de cortesia e de ideologia, assim também como em teorias da definição lexicográfica, propriamente dita, o que passamos a fundamentar nos itens seguintes.

---

<sup>1</sup> A datação do dicionário é presumida uma vez que o estado de conservação dos volumes não nos permite fornecer dados precisos.

PRAGMÁTICA, IDEOLOGIA E DICIONÁRIOS

A Pragmática é uma disciplina que concebe a linguagem como práxis, como atuação voltada para uma finalidade: a interação comunicativa. Segundo Briz (2003), uma análise pragmática leva em conta, junto ao conteúdo do comunicado, que existe um falante que se comunica, que manifesta uma atitude diante do que comunicou e, ao mesmo tempo, um ouvinte que recebe e interpreta o codificado e mostrado em circunstâncias comunicativas determinadas. Em outras palavras, é um estudo que combina a reflexão sobre o produto (enunciado) e sobre o seu processo de produção e recepção (enunciação e interação).

A teoria de maior destaque na Pragmática tem base nos estudos de Brown e Levinson (1987, *apud* Forgas Berdet, 2004). Segundo os autores, todo indivíduo possui uma imagem pública vulnerável. Durante o intercâmbio comunicativo, o falante lança mão de um conjunto de estratégias para “salvar” a sua imagem: a cortesia linguística. O conceito de cortesia linguística supõe que a linguagem deve preservar a imagem pessoal dos indivíduos que compõem a sociedade; por isso, a linguagem deve zelar pela preservação da imagem coletiva dos grupos sociais que integram esta sociedade, tendo em vista que a imagem pessoal do indivíduo é uma projeção da imagem social que cada pessoa tem pré-estabelecida culturalmente por pertencer a determinado grupo.

A cortesia linguística se manifesta de duas maneiras: como cortesia positiva ou negativa. A primeira está de acordo com as estratégias empregadas pelo emissor para realçar a imagem do ouvinte/receptor, enquanto que a outra consiste em utilizar estratégias para preservar a imagem do ouvinte/receptor. A cortesia negativa é a ausência de um comportamento linguístico respeitoso e está intimamente relacionada à restrição de uso de certos termos vexatórios ou discriminatórios dirigidos a pessoas ou grupos que conformam uma determinada sociedade.

Existem diversos estudos que defendem a criação de normas que regulem o uso social da linguagem, como a “linguagem políti-

## LEITURA E ORALIDADE

camente correta”<sup>2</sup>, a qual defende que o uso da linguagem não pode ofender a nenhum coletivo. Ao se analisar os atuais discursos, tanto dos meios de comunicação quanto públicos e acadêmicos, se comprova que o uso da linguagem não discriminatória, que não ofenda a determinados grupos sociais tem se tornado uma prioridade, estimulada por uma pressão social cada dia maior.

Entretanto, como constata Forgas Berdet (2004), no âmbito da lexicografia esta pressão linguístico-social se relaxa consideravelmente até o ponto de que um texto didático com pretensão normativa, o dicionário, desconhece estes supostos e descuida do uso social politicamente correto da linguagem nele empregada.

Para a autora (*idem*), os dicionários tendem a orientar suas definições ao reforço da imagem do grupo social hegemônico e à desvalorização, ocultação ou minimização dos demais grupos, em vez de indicar como preservar a imagem social dos nossos interlocutores, primeiramente, a imagem desse coletivo.

Isto se dá porque a língua, como um fato social, como produto da interação de indivíduos socialmente organizados, sempre manifestará as ideias desses indivíduos que a utilizam, através da produção e da recriação que se fazem em um momento e lugar determinados. Dessa forma, a língua é sempre transmissora e reprodutora de valores e de pensamentos, ou seja, de ideologia<sup>3</sup>, muitas vezes atuando a favor de certos grupos hegemônicos. (Guerrero Rivera, 1998).

Portanto, se a linguagem é o domínio preferido das ideologias, o dicionário, como compêndio e definidor das unidades léxicas de uma língua, é um lugar privilegiado para se reconhecer o componente ideológico desta língua, pois é através da definição lexicográfica

---

<sup>2</sup> Entende-se por linguagem politicamente correta (LPC) aquele que está de acordo com as normas sociais de correção de atitude e pensamento, cuja violação leva à condenação e à exclusão social.

<sup>3</sup> A palavra *ideologia* foi criada no começo do século XIX para designar uma "teoria geral das ideias". Foi Karl Marx quem começou a fazer uso político dela quando escreveu um livro com Friedrich Engels intitulado "A ideologia alemã". Nessa obra, eles mostram como, em toda sociedade dividida em classes, a classe dominante faz tudo para não perder essa condição. Já o conceito moderno de ideologia está relacionado à aparição das sociedades burguesas e seu pluralismo, refletido na diversidade de enfoques sociais e na pluralidade dos valores que os sustentam.

que a palavra se traduz em termos de sentido e de ideologia (Forgas Berdet, 2004).

Em outras palavras, o dicionário consiste em um conjunto de signos linguísticos codificados, que não apenas remetem a um objeto, mas a um conjunto de objetos, e mais ainda, à experiência acumulada pela sociedade ao longo do tempo. Ao se reconhecer o dicionário como conjunto de signos ideológicos, se reconhece também que ele leva, em alguma medida, a ideologia do momento histórico e do lugar em que se registra a referida memória, convertendo-se em objeto cultural e de conhecimento de uma determinada sociedade (Guerrero Rivera, 1998).

Dessa maneira, conforme destaca Medina Guerra (2003), por mais que tente o lexicógrafo, nenhum dicionário é uma obra neutral, nunca está isento de ideologia e sempre seu (s) autor (es) o condicionará à suas ideias e visões de mundo. Esse fenômeno, ainda que sutil, se observa na eleição de lemas, nos exemplos e, principalmente, nas definições lexicográficas.

### DEFINIÇÃO LEXICOGRÁFICA

Entende-se como *definição* o tipo de equivalência semântica estabelecida entre a *entrada* (ou *lema*, *cabeça de verbete*) e qualquer expressão explicativa da mesma num dicionário monolíngue. Os elementos da definição são nomeados *definido/definidum* (a própria entrada, a cabeça de verbete) e *definidor/definiens* (a expressão explicativa, ou seja, a própria definição). A definição lexicográfica se realiza em dois níveis ou *metalínguas*: (a) *metalíngua de signo* (para definir o significado da entrada ou definido) e (b) *metalíngua de conteúdo* (para definir palavras que carecem de verdadeiro sentido léxico). Alguns princípios básicos regem (ou deveriam reger) a redação das definições: (1) *equivalência*, (2) *substituição (ou comutabilidade)*, (3) *identidade categorial ou funcional*, (4) *análise*, (5) *transparência*, (6) *auto-suficiência* (Porto Dapena, 2002, p. 271).

Procuramos, a partir desses princípios, analisar alguns aspectos reconhecíveis nas definições recolhidas do Dicionário Caldas Aulete e, para isso, comentamos, inicial e brevemente, cada um dos seis critérios propostos por Porto Dapena (2002). O princípio da *equiva-*

## LEITURA E ORALIDADE

*lência* é entendido como o mais geral e abrange os demais. Pressupõe que a correção da definição lexicográfica está relacionada à relação entre *definidor* e *definido*, exigindo que o primeiro contemple integralmente o segundo e só ele. Ainda, deve haver entre ambos equivalência de extensão e de compreensão. O princípio da *substituição* determina que *definidor* e *definido* precisam ter o mesmo valor semântico e deverão ser substituíveis entre si para que a definição seja correta. Neste critério estariam incluídas as definições feitas através de sinônimos, bastante frequentes nos enunciados lexicográficos. A obediência ao princípio da *identidade categorial* prevê que as categorias gramaticais de *definidor* e *definido* devem ser coincidentes, ou seja, é conveniente que se introduzam na definição pela mesma categoria. Leve-se em conta, entretanto, que nem sempre há identidade *funcional* nas definições uma vez que o *definidor* (*definiens*) nem sempre pode desempenhar as mesmas funções sintáticas que *definido* (*definendum*). Os três princípios restantes, *análise*, *transparência* e *auto-suficiência* estão relacionados aos aspectos que devem constituir uma definição adequada: o princípio da *análise*, a que *re-presente uma autêntica análise semântica* (*ibidem*, p. 275), em que haja um detalhamento efetivo dos componentes. Ainda, a *transparência* será alcançada quando as palavras que compõem a definição forem mais claras e conhecidas do que aquela que constitui a cabeça de verbete a ser definida. Por último, o sexto princípio, a *auto-suficiência*, é atingida quando todas as palavras que fazem parte do enunciado conformam entradas do mesmo dicionário, evitando as “pistas perdidas”<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Denominam-se “pistas perdidas” as palavras que constam de um enunciado lexicográfico, mas que não estão definidas através de entrada particular no próprio dicionário consultado.

ANÁLISE

*Seleção dos verbetes*

Escolhemos, dentro de cada verbete, algumas definições que continham o que buscávamos dentro deste recorte de estudo, ou seja, os artigos de dicionário estão apresentados aqui de modo parcial porque recolhemos somente as definições destes que fazem referência a pessoas do sexo feminino e que trazem algum tipo de juízo de valor sobre a *mulher*, como já explicitamos na *Introdução*. Pela natureza própria deste trabalho, optamos por não reproduzir as entradas integralmente e estas estão apresentadas no item *Anexo*.

*Considerações sobre os verbetes*

É possível observar, num primeiro momento, que foram acrescentadas entradas à edição brasileira determinadas pela passagem do tempo, setenta e sete anos, entre a 1ª e a 4ª edição do Caldas Aulete ou, ainda, pela inclusão de termos próprios do Brasil ou por ambas, eventualmente. É possível perceber, também, que o distanciamento entre uma edição e outra evidencia a reforma ortográfica da língua portuguesa ocorrida no período.

Retomando os acréscimos constatados, *cadela*, *cadelona*, *mulher-dama*, *mulher-solteira*, *mulherota*, *puta* fazem parte do repertório lexicográfico de 1958, mas não se incluem em 1881. Observa-se que os verbetes *mulher-dama* e *mulher-solteira* se referem a usos brasileiros, especificamente nordestinos. Sobre, ainda, as referências ao Brasil encontramos um acréscimo de acepção na entrada *mulher*: uma série de sinônimos, determinando diferentes usos regionais, como, por exemplo, *mulher da comédia* (São Paulo), *da rótula* (Rio de Janeiro) e mais sete outras ocorrências do tipo.

Sobre os princípios que regem as definições lexicográficas, de acordo com Porto Dapena (2002), identificamos alguns deles no Caldas Aulete e passamos a apresentá-los. O princípio da *substituição* foi visto como bastante frequente e para exemplificar, temos as entradas *cachorra*, *cadela*, *cadelona*, *meretriz*, *mulher-dama*, *mulher-solteira*, *perua*, *rameira*, *vagabunda*, que apresentam sinônimos nas definições, a maioria destes remetendo a *meretriz*. O princípio da

## LEITURA E ORALIDADE

*identidade categorial* está contemplado em *cachorra: rapariga de mau gênio*, ou seja, *rapariga* e *cachorra* têm a mesma categoria gramatical no contexto. Cremos que seja possível identificar *substituição* nesta acepção, já que o sintagma *rapariga de mau gênio* é comutável com *cachorra*. O princípio da *transparência* pode ser considerado menos aparente que o da auto-suficiência nas definições analisadas. Partindo-se do pressuposto que uma definição *transparente* inclui palavras mais corriqueiras que o *definido*, observamos em verbetes como *mulherota* e *galinha*, respectivamente, no definidor, os termos *mulher de somenos* e *mulher devassa*, que não nos parecem muito usuais. Vale destacar, entretanto, que não se pode estabelecer até que ponto seriam vocábulos de domínio mais restrito ou mais amplo. Assim, a dúvida persiste pelo próprio caráter bastante subjetivo do que seria trivial, corriqueiro ou conhecido para definir uma entrada porque há coerções de vários aspectos tais como público-alvo a que se destina o dicionário, período em que foi elaborado, entre outros. O princípio da *auto-suficiência* foi reconhecido uma vez que as palavras pesquisadas a partir de seu surgimento nas definições dos lemas pesquisados, foram encontradas em verbetes próprios do *Caldas Aulete*.

### *O feminino em Caldas Aulete (1881, 1958).*

Conforme vimos anteriormente, o conceito de *politicamente correto* nasceu como reivindicação do emprego de estratégias de cortesia linguística por parte dos coletivos, especialmente como exigência das mulheres para que a língua, além de não ferir este coletivo, permitisse sua emergência nos discursos públicos e nos meios de comunicação (Forgas, 2004).

Com relação ao dicionário que nos ocupa, nos verbetes analisados observamos que as definições são reconhecidamente injuriosas ou difamatórias, representando exemplos claros de estratégias de anti-cortesia linguística, visto que, na maioria das vezes, são empregados termos que rebaixam, ridicularizam ou menosprezam a mulher de uma maneira desnecessária e, com frequência, generalizadora, como passamos a destacar:

(1) *Cachorra. Mulher*, rapariga de mau gênio, (1958, p. 770 e 1881, p. 257, grifos nossos).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

(2) **Mulher.** Pessoa do sexo feminino, pertencente à plebe ou às classes inferiores da sociedade (por oposição a senhora ou dama): mulher de capote e lenço. Bras. (pop) mulher à-toa, da comédia (SP), da rôtula (RJ), da rua, da vida, de má nota, de ponta de rua (Norte), do fado, do fandango (SP), do mundo, do pala aberto (SP), errada, perdida, vadia, o mesmo que meretriz. (1958, p. 3379-80, grifos nossos)

(2.b) **Mulher.** Pessoa do sexo feminino, pertencente á plebe ou ás classes inferiores da sociedade (por oposição a senhora ou dama): *mulher* de capote e lenço. (1881, p. 1197, grifos nossos)

(3) **Putá.** (chulo) Usa-se como qualificativo de qualquer ser ou objeto feminino. (1958, p. 4159, grifos nossos)

O dicionário dispõe das chamadas “marcas pragmáticas” ou “rubricas” para qualificar os vocábulos segundo seus usos e as características sociais de seus usuários. O dicionário Caldas Aulete (1881 e 1958), contem as rubricas *chulo*, *depreciativo*, *pejorativo*, *plebeísmo* e *vulgar* para indicar a intenção do falante e a carga emocional que o vocábulo leva consigo. Entretanto, nos dezessete verbetes analisados somente quatro – *mulherota*, *meretriz*, *puta* e *vagabunda* – mereceram levar a marca de “*depreciativo*” ou “*chulo*”.

(1) **Mulherota:** (deprec) mulher de somenos, ordinária. (1958, p. 3380, grifos nossos)

(2) **Meretriz:** (br. chulo), fêmea do peru, bebedeira. (1958, p. 3867; 1881: 1149, grifos nossos)

(3) **Vagabunda:** (chulo) prostituta. (1958, p. 5203, p. 1881: 1838, grifos nossos)

(4) **Putá.** (chulo) Usa-se como qualificativo de qualquer ser ou objeto feminino. (1958, p. 4159, grifos nossos)

Os demais treze vocábulos não se apresentam marcados pragmaticamente. Esta ausência de rubrica de “*depreciativo*” ou “*chulo*” pode ser qualificada dentro da visão de “politicamente incorreta”.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa pesquisa, trabalhamos com os conceitos de cortesia positiva (dividir e aprovar as ideias e atuações dos outros) e de cortesia negativa (aceitar e respeitar suas ideias e atuações), aplicando-os a um discurso não interativo, e identificamos que nas edições de

## LEITURA E ORALIDADE

1881 e 1958 do Dicionário Caldas Aulete foi pré-selecionado um destinatário ideal/preferido (homem), para quem funcionam perfeitamente ambas as cortesias (positiva e negativa). Também incluímos análises da construção das definições em si, buscando observar o dicionário enquanto obra lexicográfica. Foi possível, a partir do exame, reconhecer alguns critérios desejáveis na organização de tais definições. Quanto ao coletivo feminino, concluímos que os textos das definições funcionam como anticortesia, ao denegrir, rebaixar e comprometer a imagem social da mulher.

No dicionário analisado, ainda que a edição de 1958 tenha melhorado muito este aspecto, também encontramos evidências de ideologia homofóbica em definições claramente vexatórias sobre a mulher e o feminino. A insistência em manter uma imagem negativa da mulher, carregada de preconceitos, nos leva a supor que no imaginário de quem redigiu o dicionário apreciado, este coletivo (mulher) não surge como seu interlocutor social, já que não se observam estratégias para preservar a imagem feminina e tampouco sua honra.

Assim, é possível reconhecer que o dicionário está dotado de significações sócio-culturais, pois através dele se inserem valores que fazem parte da cultura da sociedade da qual registra a língua. Em outras palavras, o dicionário está povoado de ideologias, percebidas através da lente “ideologicamente neutra” do lexicógrafo.

Acreditamos, ainda, que o lexicógrafo poderia ter registrado de maneira menos agressiva estas e outras definições do coletivo feminino, com o que ganharia em respeito em relação a este grupo e ofereceria ao público o exemplo de correção e cortesia que a sociedade demanda.

Dessa forma, chamamos atenção para um especial cuidado que se deve ter ao definir palavras cujos referentes ou destinatários possam sentir-se ofendidos, humilhados ou desvalorizados pelo seu conteúdo, sobre tudo se esta definição é, como nos casos apresentados, tendenciosa e equivocada.

Devemos, pois, concluir que ainda há muito a fazer no campo da lexicografia com relação à escolha de uma linguagem adequada para construir enunciados definitórios. Mesmo com o grande avanço atual da meta-lexicografia, ao apresentar uma série de pressupostos

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

teóricos a partir dos quais se abordam os problemas da definição, enquanto se debatem as soluções de várias questões lexicográficas, cabe iniciar um processo de revisão estrito e rigoroso da linguagem empregada nas definições. Faz-se necessário eliminar do texto lexicográfico os vocábulos que evidenciam o enunciador e, da mesma forma, os termos subjetivos e valorativos como os que mostramos neste trabalho, fixando modelos léxicos apropriados para o texto das definições, através de um conteúdo mais claro, objetivo e neutro possível.

ANEXO

Definições selecionadas  
nos verbetes das duas edições do *Dicionário Caldas Aulete*

	Caldas Aulete (edição brasileira), 4ª ed., 1958.	Caldas Aulete (edição portuguesa), 1ª ed. 1881 (presumível).
<b>cachorra</b>	mulher ,rapariga de mau gênio, p. 770	igual enunciado, p. 257
<b>cadela</b>	meretriz, prostituta, p.775	0
<b>cadelona</b>	rameira, p.775	0
<b>galinha</b>	mulher devassa (fig.), p. 2372	galinha (não inclui a acepção indicada em 1958), p. 844
<b>leviana</b>	mulher namoradeira ou mal comportada, p. 2966	0 mulher leviana, namoradeira, mal comportada (definido em "leviano", p. 1059)
<b>meretriz</b>	rameira, prostituta; (inclui abonação de Guerra Junqueiro), p. 3227	rameira, prostituta, p. 1149
<b>mulher</b>	Pessoa do sexo feminino, pertencente à plebe ou às classes inferiores da sociedade (por oposição a senhora ou dama): mulher de capote e lenço. Bras. (pop.) mulher à-toa, da comédia (SP), da rótula (RJ), da rua, da vida, de má nota, de ponta de rua (Norte), do fado, do fandango (SP), do mundo, do pala aberto (SP), errada, perdida, vadia, o mesmo que meretriz, p. 3379-80.	Pessoa do sexo feminino, pertencente á plebe ou ás classes inferiores da sociedade (por oposição a senhora ou dama): <i>mulher</i> de capote e lenço, p. 1197.
<b>mulher-dama</b>	(Bras., Nordeste) (pop) meretriz, p. 3380.	0
<b>mulher-solteira</b>	(Bras., Nordeste) (pop) meretriz, p. 3380.	0
<b>mulherinha</b>	mulher ordinária, da classe baixa; mulher desprezível, de má vida, p. 3380.	igual enunciado, p, 1197.
<b>mulherota</b>	(deprec.) mulher de somenos, ordinária, p. 3380.	0
<b>perua</b>	meretriz, prostituta (br: chulo), a fêmea do peru, (pop) bebedeira, p. 3867	a fêmea do peru, bebedeira, p. 1337
<b>perra</b>	cadela; termo de injúria a uma mulher, p. 3861	termo de injúria a uma mulher, p. 1335
<b>prostituta</b>	mulher pública, meretriz, p. 4113	igual enunciado, p. 1424
<b>puta</b>	(chulo) qualificativo de qualquer ser ou ob-	0

## LEITURA E ORALIDADE

	jeto feminino, p. 4159	
<b>rameira</b>	mulher pública, prostituta, meretriz, p. 4242	igual enunciado, p. 1467
<b>vagabunda</b>	(chulo) prostituta, p. 5203.	0 (somente inclui “vagabundo”, p. 1838)

### REFERÊNCIAS

BRIZ, Antonio. La estrategia atenuadora en la conversación cotidiana española. **In:** *Actas del primer Coloquio del programa EDICE, “La perspectiva no etnocentrista de la cortesía: identidad sociocultural de las comunidades hispanohablantes.”* Estocolmo, 2003. Disponível em: <http://www.primercoloquioedice.org/Actas/actas.htm>. Acesso em: junho de 2005.

CALDAS AULETE. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 4ª edição brasileira, aum. e rev. por Hamilcar de Garcia. Rio de Janeiro: Delta, 1958, 5 vol.

*DICCIONARIO contemporaneo da língua portuguesa*. Lisboa, s/d, 2 vol.

FORGAS BERDET, E. La (de)construcción de lo femenino en el diccionario. **In:** *El sexismo en el lenguaje*. Málaga: Servicio de Publicaciones del CEDMA, 1999. Disponível em: <http://pizarro.fll.urv.es/continguts/hispanica/profes/public/deconstrucion.htm>. Acesso em julho de 2006.

———. Dicionario, cortesía lingüística y norma social. **In:** BRAVO & BRIZ. *Pragmática sociocultural: estudio sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, 2004.

FORGAS BERDET, E. & FERNÁNDEZ, J.: La inclusión del componente pragmático en los diccionarios monolingües del español. **In:** *Perspectivas aplicadas de la lingüística moderna*. Zaragoza: Anubar, 1998. Disponível em: <http://pizarro.fll.urv.es/continguts/hispanica/profes/public/zaragoza.htm>. Acesso em agosto de 2006.

GUERRERO RIVERA, El diccionario: signo ideológico-sociocultural. **In:** *Revista Folios Diital*, Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 1º semestre de 1998. Disponível em <http://www.pedagogica.edu.co/index.php?inf=1049>. Acesso em agosto de 2006.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

MEDINA GUERRA, Antonia. La microestructura del diccionario: la definición. **In:** —. *Lexicografía Española*. Barcelona: Ariel, 2003.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. A definição lexicográfica. **In:** *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros, 2002.